

# Negro

O Dia Internacional Contra a Discriminação Racial foi instituído pela ONU em repúdio ao massacre de Sharpeville, onde 62 negros foram assassinados pela polícia da África do Sul. Dia 21 deste mês, terça-feira, no Pátio de São Pedro, o Movimento Negro Unificado promoverá ato público para assinalar a passagem do Dia Internacional. O ato terá a presença do Afoxé Alafin Oyó e apoio da Fundação de Cultura Cidade do Recife.

# Catarina

Quinta-feira última, a cidade assistiu a um gesto singular, um “beau geste”, já raro nesses duros tempos que vivemos. A pesquisadora norte-americana Catarina Corte Real, fez doação à Fundação Joaquim Nabuco de todo o seu acervo de estu-  
diosa do nosso Carnaval, um conjunto de fichas, pastas, livros raros, revistas raríssimas, recortes de jornais, preciosa documentação iconográfica. Cerca de trinta anos de pesquisas laboriosas, cuidadosamente planejadas e efetivadas com o zelo de uma verdadeira “scholar”. Material que já lhe permitiu escrever um magnífico estudo sobre o folclore carnavalesco pernambucano, obra indispensável, hoje, para a compreensão de aspectos vitais de nossa cultura. Livro que a Fundação vai reeditar, mais uma gentileza de Catarina Real, essa cidadã do Recife, amiga de Pernambuco e do nosso País, nascida em outra nação amiga, mas que tem muito de verde/amarelo em seu coração fraterno.



Escritora lança livro para resgatar a memória da cultura negra

## Criança vai aprender que História é feita também pelos negros

Ivson Queiroz

Alguns lugares carregam consigo a marca da história. Não importa a engrenagem do "Deus" tempo, os reencontros sempre se dão. Foi assim que na última sexta-feira, no Mercado da Ribeira (escolhido a dedo pela sua importância para a comunidade negra, pois já funcionou como um mercado de escravos), em Olinda. Ali, a escritora, educadora popular e militante do Movimento Negro do Recife, do qual é fundadora, Inaldete Pinheiro de Andrade, vestida solenemente de branco, numa reverência aos orixás, lançou os livros "Cinco Histórias Para Contar" e "Pai Adão Era Nago". Duas bem-cuidadas edições da série "Produção Alternativa", do Serviço de Apoio à Educação Alternativa do Centro de Cultura Luiz Freire.

Os livros, escritos numa linguagem infanto-juvenil, têm como proposta relatar aspectos da história e da cultura da raça negra "através do resgate do imaginário afro-pernambucano", partindo da necessidade de se analisar o aspecto infantil da questão: "O trabalho representa uma tentativa de introduzir a história do negro na escola", diz Inaldete baseado na preocupante constatação de que "não há publicações sobre o tema, para as crianças", arrematando que os livros visam a uma identificação da criança negra com a história, o passado e o presente.

Para quem sempre se dedicou à literatura "adulta", oportunamente utilizada nos debates promovidos pelo Movimento Negro, Inaldete sentiu-se impelida, principalmente depois do nascimento dos filhos Aganju, 5 anos, e Yorubá, 3, a resgatar essa identidade. "Pai Adão... recupera, como ponto de referência negra, o primeiro terreiro de candomblé do Recife; já "Cinco Cantigas... resgata da história as cantigas de roda e de ninar, no imaginário da criança", explica a escritora.

O "trabalho coletivo", como define a autora, pois contou com a participação de crianças de 6 a 13 anos de idade, frequentadoras dos bancos das escolas populares: Maria Estêvão, de Dois Unidos; Maria da Conceição, de Casa Amarela; e Arco-Iris, da Várzea, que criaram todas as ilustrações analógicas ao texto, representa a continuidade da luta de "contar a história do negro em sua própria linguagem, e não na do colonizador" e que, certamente, se tornará tema polêmico quando for apresentada como proposta popular à Constituinte estadual, pelos educadores negros do Estado, defendendo a implantação das disciplinas "A História da África e das Culturas Afro-brasileiras" e "Das Nações Indígenas" no currículo escolar. Consciente das dificuldades que ainda terão de ser enfrentadas, Inaldete não se deixa abater e reafirma a disposição de luta para "que a verdadeira história seja contada", com o que concorda Adão Pinheiro, diretor presidente

da Fundação de Cultura de Olinda, para quem a busca "das origens negras é uma conquista que não poder ser determinada pelo sistema, vislumbrando que o negro pode ser o novo condutor da identidade brasileira".

Atuando como instrumento de "resgate da história e da cultura da classe trabalhadora", como define Inalda Neves Baptista, o Centro Luiz Freire, entidade sem fins lucrativos mantida por instituições nacionais e internacionais, apoiou, de forma significativa, o projeto. "Nosso objetivo", ressalta Carmen Lúcia Bandeira, integrante da equipe técnica do Centro, "é incentivar as experiências alternativas em educação, oriundas do movimento popular", destacando como fato de extrema relevância o retorno do material publicado como conteúdo curricular das escolas.

Adão Pinheiro, entretanto, analisa a iniciativa, não só do Centro, mas também da Fundação de Cultura, como uma abertura fundamental para que os diversos segmentos sociais se expressem, criando, assim, condições para a formação de um fórum de debates sobre a cultura nacional. Revelando que um dos primeiros passos nesse sentido será a implantação, no próprio Mercado da Ribeira, do Centro de Arte e Cultura Afro-brasileiro Solano Trindade, que foi um dos primeiros escritores da Frente Negra, movimento surgido no Recife, na década de 30.

### OBRAS

O ato de escrever está intrínseco na própria razão de existir de Inaldete Pinheiro: a negritude. Suas obras anteriores não fogem ao tema e retratam a luta dos "escravos de jó, que jogavam caxangá... o ziguezague e zás", cantiga libertária entoada pelos seus ancestrais. Assim é "B-a-bá do Baobá", uma elegia aos baobás, planta africana trazida para o Brasil, que significa a fonte da vida para o africano, e "Os Nossos Mortos Renascem das Tirnas", em homenagem a Solano Trindade e James Baldwin (realizado com seis grupos de Teatro Popular, do Recife. Para o espaço cênico ela também escreveu "Liberdade, Liberdade", peça já montada pelo Grupo de Teatro Popular Teimosinho, de Brasília Teimosa, e que não tem nada a ver com o "...abre as asas sobre nós...", a reacionária conquista da Imperatriz Leopoldinense no Carnaval carioca. Nela, o cotidiano busca a conscientização, superando, inclusive, o preceito constitucional de que "a prática do racismo constitui crime inafiançável e imprescritível, sujeito à pena de reclusão, nos termos da lei". "O que vai fortalecer a luta contra o racismo é a consciência de toda a comunidade negra do seu papel histórico, não é no decreto que a pessoa vai deixar de ser racista", sentencia.

# Katarina do Recife

Sebastião Vila Nova

Fato do mais alto significado cultural para o Recife: a doação que fez a antropóloga Katarina Real do seu arquivo sobre o carnaval recifense à Fundação Joaquim Nabuco. Deu-se o acontecimento em solenidade (se é que a palavra cabe para encontro tão informal) realizada no último dia 16 naquela instituição. Riquíssimo, consta o arquivo de documentos raros – recortes de revistas e jornais, fotografias, slides, livros, revistas, apontamentos e fichário sobre as agremiações carnavalescas do Recife no período de 1960 a 1968 – colecionados e organizados por Katarina quando aqui morou.

Embora predominem no arquivo documentos referentes ao carnaval recifense, inclui ele, ainda, amplo material sobre o carnaval brasileiro em geral, bem como a respeito de outras manifestações do folclore nordestino, tais como, o reisado, a chegança, o pastoril, por exemplo. Trata-se, não há dúvida, de arquivo organizado com critério científico e, sobretudo, com

muito amor, arquivo da maior importância para o conhecimento da nossa cultura popular.

Katarina não é uma brasilianista no sentido tão freqüentemente estreito com que se tem tomado este termo: o de um pesquisador estrangeiro – norte-americano, na maioria dos casos – das coisas do Brasil; alguém que vem para estas terras tropicais, recolhe material para uma tese, brinca carnaval, toma uma cachacinha, vai embora em busca das glórias acadêmicas e pronto, acabou, deixa para trás a experiência exótica com este povo pitoresco. Não é assim esta mulher encantadora como estudiosa da cultura do nosso povo e, principalmente, como pessoa, como gente. Katarina não esteve simplesmente pesquisando no Recife. Katarina tornou-se recifense, aumentando, assim, amorosamente, a sua capacidade de percepção antropológica das coisas da nossa gente.

Katarina está entre aqueles poucos entre os pesquisadores sociais estrangeiros que souberam ir além da superfície supostamente exótica da

nossa cultura. E, nisto, está ao lado de um Roger Bastide e de um Donald Pierson – que, recentemente, fez doação de seu arquivo pessoal, riquíssimo, à Unicamp –, casos notáveis de estudiosos da nossa cultura identificados com a gente brasileira.

Prova inquestionável do amor, e não apenas do puro e descomprometido interesse científico, pelo povo que ela tão bem soube fazer por conhecer é o seu gesto, trazendo seu arquivo, que bem poderia ir para biblioteca norte-americana, para o Recife.

Não estou, infelizmente, entre os que tiveram o privilégio de conviver com Katarina quando ela morou entre nós, nos anos sessenta, reunindo em torno do seu saber e do seu encanto estudiosos da nossa cultura popular, Evandro Rabello, Olímpio Bonald, Leonardo Dantas Silva, Luís Marinho, entre outros, além de carnavalescos, homens do povo, dirigentes de clubes populares. Aprendi, no entanto, a respeitar o seu trabalho, através do já clássico na literatura antropológica sobre as brincadeiras do povo brasileiro

O folclore no carnaval do Recife, resultado das suas pesquisas na nossa cidade, exemplo de seriedade intelectual inquestionável.

E é precisamente este livro, obrigatório a quem pretenda conhecer o nosso carnaval, que a Editora Massangana, Fundação Joaquim Nabuco, anuncia publicar ainda este ano, acrescido de texto da própria Katarina a respeito das transformações recentes que ela pôde observar na grande festa popular do Recife, texto somente possível, acrescente-se, graças à persistência e ao empenho de Fernando de Mello Freyre, que, após muitas tentativas, conseguiu trazer Katarina ao Recife para concretizar este grande empreendimento cultural.

A presença de Katarina Real no Recife, o exemplo contagiante do seu amor pelas coisas do nosso povo, são motivos de alegria para os que a conhecem, para os que vivem tempos tão difíceis, em que o verdadeiro amor pelo povo é coisa tão escassa.

Viva Katarina! Viva o Recife!

# Grupo Afro Axé comemora com shows dois anos de resistência

no último Carnaval, a grandeza nas ladeiras e ruas da cidade, ficou por conta da chamada "linha afro" com o desfile de grupos negros como o Afro Embola Negro, Axé da Lua, Ará Odé e Afoxé Alafin para eles trata-se da resistência, um protesto contra a Lei Aurea", que libertou dos grilhões escravos. E que, devido ao ano de 1888, não lhes foi permitido expressar suas culturas e costumes dentro da sociedade. Um desses grupos, o Afro estará comemorando amanhã no Pátio de São Pedro e no primeiro de abril (no dia de Arte Popular de Olinda) o antigo Forró Cheiro do grupo dois anos de resistência, comemoração. Para Roberto Santos, coreógrafo e diretor do grupo, é necessário utilizar da cultura negra durante o ano inteiro. Ele trabalhou na carreira como cantor no Balé Primitivo de Arte Negra no início da década de 1980 sob a direção de Zumbi dos Palmares. Em 1982, viajou como representante da companhia para representar o Brasil no Carnaval do Paraguai. Hoje, o grupo está dividido em duas facções: Balé de Arte Negra de Olinda e Balé de Cultura Negra de Recife. Em 1985 eu resolvi fundar o Balé Afro-Brasileiro, dentro do colégio onde eu estudava. Mas a idéia não foi aceita. Havia muita discriminação com relação ao grupo. Eu pensava em utilizar a arte negra para o ano inteiro. Por exemplo, no São Paulo foi feita uma quadrilha utilizando os ritmos afro. Foi quando surgiu o movimento que surgiu o Afro Axé, que nasceu na dança, no cântico e na arte de representar: "A

História fala do negro de uma maneira falsa - afirma Roberto Santos - A comunidade tem que se conscientizar de que em Pernambuco existiam os quilombos. Que foi daqui que surgiu Zumbi e Ganga Zumba, e que foram eles que iniciaram o movimento por nossa libertação. Inclusive, achamos que a data em que se comemora o dia do negro deveria ser a mesma data da morte de Zumbi dos Palmares".

### DISCRIMINAÇÃO

Roberto Santos se queixa da dificuldade de mostrar seu

movimento ao povo, até mesmo dentro de Olinda: "O negro ainda é discriminado - dispara - Sentimos dificuldade em levar nosso trabalho à comunidade até mesmo dentro da cidade Patrimônio Histórico da Humanidade. No Carnaval deste ano, por exemplo, tivemos problemas com o bloco "Eu Aço E Pouco". Nossos grupos se cruzaram, e quando paramos para facilitar a passagem deles, fomos xingados, com eles gritando que o que estávamos fazendo era "coisa da Bahia". Esquecem que o maracatu, o afoxé e os quilombos

demora - embora o visual não careça de explicações - são muito açodado. Posteriormente entendo que o quadro está ali e nada detém seu curso. E não pede explicações.

...

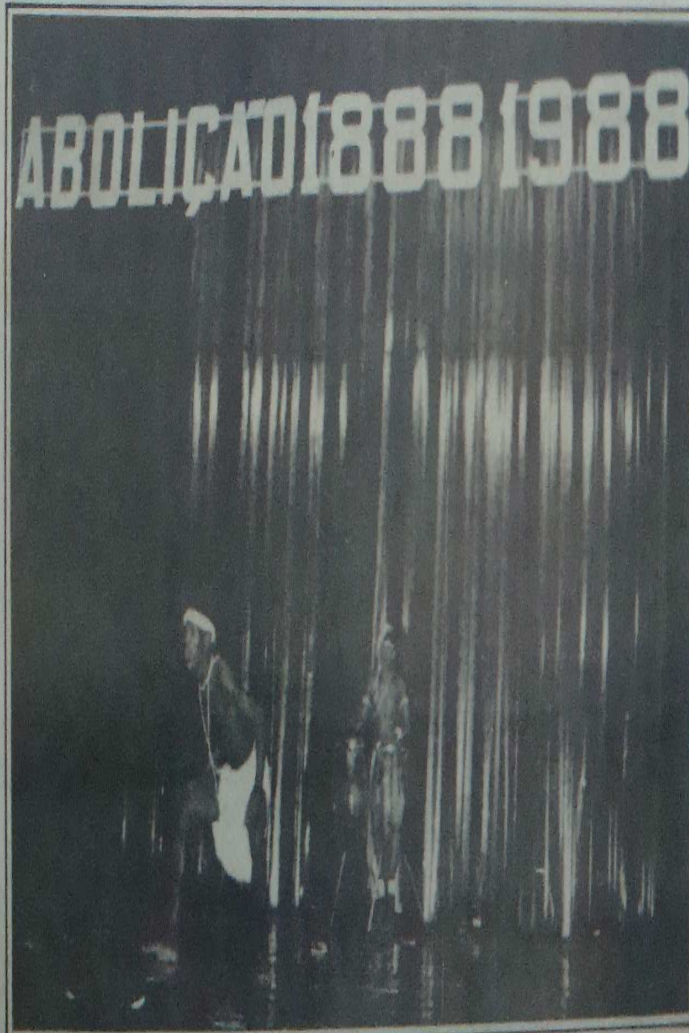
Talvez meus personagens não sejam agradáveis e confortadores. Mas estão ali, requerendo sua atenção. Minhas figuras, nem sempre belas, no entanto, reais e arbitrarias. Meus personagens têm natureza regional. Gosto, nos meus quadros, de criticar o comportamento social risível. Aquilo que não se apresenta de cara, porque está oculto. O gestual identifica a história. Se eu conseguir extrair o mínimo do oculto, o trabalho já satisfaz. Gosto de revisitar o furtivo. O inconsciente coletivo deve ser revisitado. A saga está aí.

foram formados aqui. A essência da capoeira, que todos pensam ser da Bahia, está aqui".

Mas Roberto diz que aos poucos está conseguindo conscientizar os negros a respeito da

importância de não se envergonhar em ser um homem de cor. Da importância de não baixar a cabeça quando for chamado de negro. "Temos que sentir orgulho de nossa negritude - afirma - Inclusive estamos montando uma peça com o nome de Abolição", com 15 atores e dançarinos trabalhando para mostrar a farsa do dia 13 de maio e a importância de ser um negro dentro da sociedade. Nos dias 31 deste mês e primeiro de abril, também será apresentado o grupo musical Cântico Negro, integrante do Afro Axé".

Vários grupos negros também fazem parte de alguns maracatus. O Embola Negro, só para citar a discriminação em Olinda, é o único a desfilar no Carnaval com um boneco negro: "A política negra é uma só - enfatiza Roberto Santos - Mas cada grupo trabalha de uma forma. Nós, pelo menos, abrimos espaços para as pessoas brancas, pois para haver igualdade tem que integrar. E assim que acho que deve ser toda a sociedade. Tem grupo mais hermético, que só deixa entrar gente de cor em seu bloco. Talvez seja devido a dificuldade que o negro tem de chegar ao poder... Isso implica no filho do negro não poder estudar, não poder concluir o curso universitário.



Mais Espetáculos na página B-1

